Nós e o Mundo

MAURA DE SENNA PEREIRA

QUATRO ALAMEDAS — A Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina enviou convite para o lançamento do livro "Quatro Alamedas", de Silveira de Souza, realizado com festa e coquetel no auditório daquela universidade. O livro, que tem o selo da Editora Movimento em coedição com a UDESC, é apresentado por Mariano Soares, que acentua ser o autor "um contista consciente do seu trabalho, afeto a uma linguagem depurada de qualquer demasia, com uma lúcida, dolorida visão dos traumas existenciais e problemas sociais do seu mundo". Silveira de Souza publicou mais dois livros de contos: "O Vigia e a Cidade" e "Uma Voz na Praça". Estes títulos, com o das "Quatro Alamedas" de agora, bem revelam o escritor urbano. Acrescentarei que ele não apenas se distingue no território da contística com páginas que por vezes lembram o estilo enxuto de Graciliano, como por outras realizações: com o gravador Hugo Mund Júnior dirigiu as Edições do Livro de Arte, de Florianópolis, e com o poeta Osmar Pisaní dirige a Associação Catarinense de Escritores.

POEMA EM DESTAQUE

MUDANÇA N.º 2

Maria Helena Chein

Há uma gota
de nunca mais
pingando doída
no cansaço de mim.
O adormecer
sem amanhã
como se fora a agonia
brincando de esconde-esconde.

Meu brinquedo quebrou,
meu riso ficou lá atrás
perdi-o no botequim
da esquina
onde eu parava
para comprar docinhos;
meu uniforme azul
foi comido pelas traças
A menininha magrela
sentou-se na calçada
e lá permaneceu
olhando o carro-de-bois
que passava, levando
cachos de bananas
(o tempo passava
levando pedaços de inocência).

Era tarde, e quando
me lembrei de ninar corda
e jogar amarelinha
eu já estava grande.

DOMINGO, 20 e SEGUNDA-FEIRA, 21/3/1977

GAZETA
de notícias

teve dinheiro para fazer bomba para pagar os cientistas que conhecem o segredo. De onde se demonstra que, às vezes, ser «atrasado» é uma boa vantagem diante de Deus.

P — A APROVAÇÃO DA PENA DE MORTE NO BRASIL PROVOCA-RIA A DIMINUIÇÃO NO ÍNDICE DE CRIMINALIDADE? O SENHOR CONDENARIA DOCA STREET À MORTE?

R — Acabei de falar nisso. Não diminuí na Inglaterra, onde existe a forca; na França, onde há guilhotina; na Espanha, onde há garrote vil; na América do Norte, onde há câmara de gás e cadeira elétrica. A pena de morte não diminui a criminalidade nunca, jamais. Ângela Diniz morreu assassinada porque, em vida anterior, assassinou por ciúme com o mesmo número de tiros. Desta vez, pelo enovelado das suas provas, o Docca Street trouxe essa triste missão de ser o executor de Ângela Diniz. Mas foi mero instrumento passional, instrumento da própria Lei Divina. Por que eu iria matar o Docca? Para fazê-lo sofrer? Morrendo, o sofrimento acaba. Por isso, Deus é mais sábio e deixa o indivíduo sofrer a vida inteira, para o seu próprio bem, pois tem de pagar, de qualquer maneira. Não adianta o suicídio. Aquele ator da TV Globo, Paulo Padilha, se atirou do 4º andar, e morreu. Por quê? Porque achou a prova pesada demais. Mas acontece que ele vai voltar, e vai repetir tudo de novo. Que é que adiantou? Volta para pagar tudo em dobro. Não, deixe o Docca sofrer. Ele vai ter de pagar o que fez, para o seu próprio bem espiritual.

P — O SENHOR TEM MAIS ALGUMA COISA A DECLARAR SOBRE O ASSUNTO?

R — O que eu sempre declaro na LBV: todo aquele, que não vive de acordo com a Lei de Deus, aplica a si mesmo a pena de morte: morte lenta. Todo aquele, que não conhece a Lei Divina, não sabe o que faz no mundo. Está espiritualmente morto.